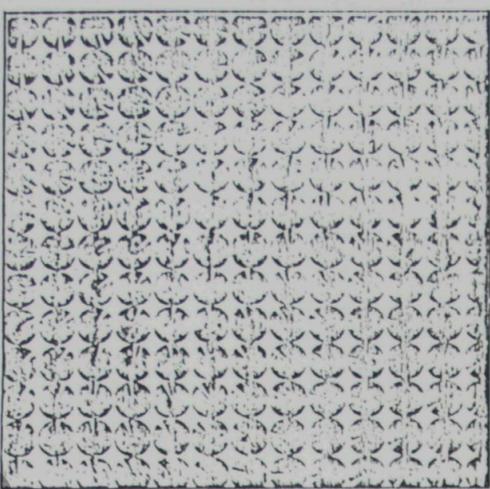


A opção concreta de Luiz Sacilotto

Enock SACRAMENTO



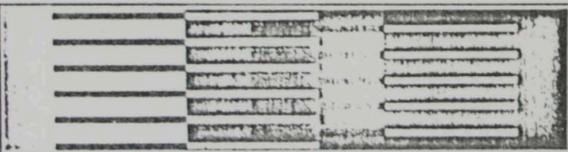
Neste trabalho recente, os elementos da obra descrevem uma rotação de 180 graus, a partir das extremidades, criando ritmos dinâmicos



Neste trabalho de 1944, o registro da paisagem



Desenho expressionista realizado em 1947



Concreção 5521, trabalho realizado em 1935. Esmalte sobre madeira

Quatro Novíssimos

Com o fim da Guerra, em 1945, Sacilotto voltou do Rio para São Paulo, onde encontrou seu companheiro do Instituto Profissional e fez novas amizades no meio artístico. Logo a primeira exposição foi articulada. Carlos Sotier levou alguns desenhos seus, juntamente com trabalhos de Grassmann, Octávio Araújo e Andreolini para o Rio, conseguindo aceitar para abril de 46 uma mostra dos quatro no Instituto dos Arquitetos do Brasil.

A exposição anunciou Quatro Novíssimos e despertou a atenção da crítica no Rio, repercutindo também em São Paulo.

Rubens Navaretta, na edição do dia 21 de abril do Diário de Notícias, escreveu seu comentário com a variedade e riqueza plástica de Grassmann, Andreolini, Octávio e Sacilotto e sua compreensão dos recursos gráficos do expressionismo, salientando "o admirável sentido de composição" dos quatro novíssimos.

Em São Paulo, Geraldo Ferraz registrou no O Jornal do dia 30 de abril "a identidade que eles têm com o expressionismo".

Houve quem dissesse que, aquela altura, o expressionismo estava superado. "Meio engano", afirma agora Sacilotto. "Eles entendiam que o expressionismo já teria concluído seu ciclo, quando na verdade ele é uma tendência permanente, que se renova e que está profundamente arraigada na sensibilidade humana". E continua: "Uma visão abrangente de história da arte mostra que o expressionismo pode ser detectado mesmo em manifestações pré-históricas, está presente no romantismo, no barroco, no gótico, nos movimentos contemporâneos de vanguarda. Ele está ligado aos momentos de crise e se manifesta sobretudo pelo protesto, não somente através da deformação da figura humana, mas também pela recusa do simplesmente bonito, pela aproximação com o fantástico e com o demônio".

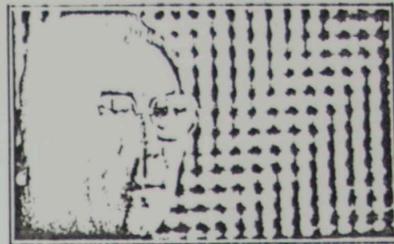
A produção dos quatro novíssimos, exposta no Rio, era marcadamente influenciada pelo expressionismo alemão.

O Museu de Arte Moderna de São Paulo abriu quinta-feira próxima, dia 11, às 19 horas, uma grande retrospectiva de um artista de Santo André: Luiz Sacilotto.

As 135 obras de Sacilotto, que dão uma visão panorâmica de sua produção artística de 1942 até o presente, ocuparão a metade do MAM, um espaço só dedicado nos grandes nomes da arte brasileira.

Sacilotto iniciou sua carreira artística ao participar, em 1946, da exposição Quatro Novíssimos, no Instituto

dos Arquitetos do Brasil, no Rio, ao lado de Marcelo Grassmann, Octávio Araújo e Luiz Andreolini. Essa mostra desdobrou-se na exposição 19 Pintores, realizada no ano seguinte na Galeria Prestes Maia, em São Paulo, na qual foram revelados alguns dos mais importantes artistas brasileiros da atualidade. No fim da década de 40, Sacilotto, ao lado de Waldemar Cordeiro, lançou em São Paulo as bases do concretismo, movimento que se tornaria numa das mais consistentes tendências da arte brasileira dos anos 50.



Luiz Sacilotto, um dos pioneiros do concretismo

A procura de um ofício

Filho de imigrantes italianos, Luiz Sacilotto nasceu em Santo André em 1924. Seu pai, Antonio, veio como agricultor para o Brasil, em 1922, em companhia de Du. Tereza, sua mãe, dirigindo-se inicialmente ao Rio Grande do Sul.

As más condições de trabalho no campo levaram-no a transferir-se para São Paulo, onde empregou-se numa oficina situada nas proximidades do Morumbi. De oleiro, Antonio passou a subsistir ao ingressar no frigorífico dos Martinelli (hoje Swift), em Santo André.

Luiz, um dos dois filhos do casal, matriculou-se em 1938 no Instituto Profissional Masculino, no Brás, onde estudou durante cinco

anos desenho artístico e aplicado, pintura e técnicas diversas ligadas às artes e ofícios. Queria ter uma profissão para ganhar a vida. Mas tarde trabalhariam como desenhista de fichas para o sistema de máquinas Hollerith.

No Instituto Profissional, Luiz Sacilotto conheceu dois colegas que se transformariam em grandes amigos. E que teriam importância decisiva em seu futuro como artista: Marcelo Grassmann e Octávio Araújo.

Frequentavam juntos a Biblioteca Municipal, na rua 7 de Abril. Deleitavam-se com as ilustrações de Gustavo Duré em obras de Dante, John Milton e outros. Eram assíduos da Discoteca Municipal, anexa ao Teatro

Municipal, onde ouviam, horas a fio, composições de Bach, Beethoven, Stravinsky, Prokofiev, Schoenberg.

Além dessas atividades intelectuais, os três saíam com frequência para nadar no rio Tietê e para chucar bondes, isto é, para utilizar-se deste transporte coletivo — principalmente no trecho entre o Brás e a Praça da Sé — procurando escapar da vigilância dos cobradores, movidos por dificuldades financeiras e por um certo espírito de aventura.

Devenham muito, em qualquer superfície branca, no verso de cartazes, em papéis e cartões ordinários, pois lhes faltavam meios para comprar telas e papéis apropriados.

Na caserna

Em fins de 44 Sacilotto foi convocado pela Força Expedicionária Brasileira, que participava da Guerra na Itália. Foi para o Rio, onde permaneceu à disposição da FEB cerca de 9 meses, inicialmente, no III Batalhão de Carros de Combate.

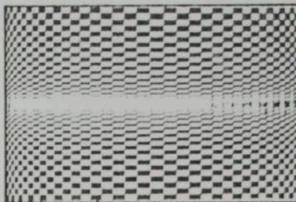
Paralelamente às obrigações militares, que incluíam adestramento físico, exercícios de tiro, desmontagem e montagem de fuzis e metralhadoras, Sacilotto lia e desenhava muito. E, sempre que possível, ia ao Instituto dos Arquitetos do Brasil, atrelado por suas atividades culturais.

Auto-retrato em monotípia, feito na segunda metade da década de 40

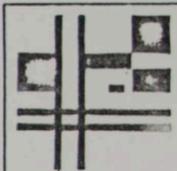


Magnífica concreção realizada em 1960.

Elegante, multivisionária e precisa



Nas linhas retas, a ilusão da curva



No início, influência nítida de Mondrian

DIÁRIO DO GRANDE ABC

Caderno 8 páginas

Feminina Palavras Cruzadas Histórias em Quadrinhos Ciência e Tecnologia Reportagens

Domingo, 7 de setembro de 1980

Os quatro transformaram-se em 19

Após o encerramento da mostra Quatro Novíssimos, no IAB do Rio, Sacilotto, Grassmann, Octávio Araújo e Andreolini decidiram realizar também em São Paulo. Maria Eugênia Franco colocou à disposição do grupo uma sala na Biblioteca Municipal. O espaço oferecido, todavia, era muito pequeno para acolher os trabalhos.

Partiu-se então para a procura de um espaço maior, finalmente conseguido: a Galeria Prestes Maia. Esse espaço, todavia, era muito grande. A solução foi convidar outros artistas para participarem da mostra.

A organização ficou a cargo de Rosa Rosenthal Zucolotto e o patrocínio com a União Cultural Brasil — Estados Unidos. Para a escolha dos expositores funcionaram indicações de amigos, de parentes, de artistas que vinham se interessando pelas novas formas de expressão artística.

A mostra 19 Pinturas foi inaugurada dia 19 de abril de 47, atraindo um enorme público para a época: cerca de 50 mil pessoas a visitaram em 17 dias. Os críticos mais informados a viram com bons olhos.

O catálogo, muito bem feito para a época, foi prefaciado por Geraldo Ferraz, que afirmou: "esta é uma exposição de esperança". Poucas vezes o crítico acertou tão em cheio. O grupo dos 19 era formado por Aldemir Martins, Antônio Augusto Mars, Cláudio Abreu, Enrico Camerini, Eva Lieblich, Flávio Shiro Tanaka, Ruggiê Israel, Jorge Mori, Lothar Charoux, Luiz Andreolini, Luiz Sacilotto, Marcelo Grassmann, Maria Helena Millet, Fonseca Rodrigues, Maria Beatriz Franco, Mário Gruber Correa, Odeia Guaraná, Octávio Araújo, Raul Müller Pereira da Costa e Wanda Godoy Moreira. Poucos deles os 19 não atingiram, nas décadas seguintes, consagração nacional ou internacional. Todos continuam vivos.

A importância dessa mostra histórica justifica a realização de duas outras, comemorativas dos 20 e dos 30 anos do evento, na Tema-Galeria de Arte e no Museu de Arte Moderna de São Paulo, respectivamente.

Os elementos, partindo de um núcleo central, têm seus diâmetros reduzidos, criando áreas múltiplas de pulsação ótica

Concretismo, uma opção natural

A disciplina no gesto criativo de Luiz Sacilotto começou a definir-se no Instituto Profissional, onde recebeu orientação técnica em diversas disciplinas voltadas para a formação básica de um profissional da área de artes e ofícios. Ganhou contornos mais precisos no exercício da profissão de desenhista da Hollerith (hoje IBM). Consolidou-se na prática do desenho arquitetônico, nos ensinamentos dos arquitetos Jacob Ruschi e Vilanova Artigas e, posteriormente, na função de projetista de esquadrias metálicas na Fichtel.

Quando participava da exposição dos 19, Sacilotto conheceu um jovem de 22 anos — Waldemar Cordeiro — que o procurou dizendo-se interessado no caráter fortemente expressionista de sua obra e no sentido construtivista de alguns de seus trabalhos. Da amizade que se formou entre os dois, surgiu o trabalho técnico e de sua concretização em obras cada vez mais geométricas, inspiradas nos trabalhos de Melevisch, Peviner, Gabo, Van Doesburg, Kandiski, Calder, Mondrian e Max Bill. Surgiu, em 1949, o movimento concreto em São Paulo, que se transformou numa das mais fortes correntes de arte brasileira na década de 50.

Esse movimento ganhou substância a partir de 1951, quando se realizou o I Bienal de São Paulo, na qual Max Bill ganhou o Prêmio Internacional de Escultura.

A premiação atribuída à Unidade Tripartida no I Bienal chamou a atenção geral para o trabalho rigoroso e preciso de Max Bill e de seu grupo da escola de Ulm, já reconhecida em parte por Cordeiro. Sacilotto é de um pequeno grupo de artistas interessados na arte geométrica.

Maria Eugênia Franco cedeu uma sala na Biblioteca Municipal para reunir semanalmente um grupo pioneiro que lá sendo enriquecido por outros artistas interessados na riqueza das composições geométricas.

1952 foi um ano importante para Sacilotto. Participou da Bienal de Veneza e da exposição Ruptura, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, juntamente com Charoux, Cordeiro, Geraldo de Barros, Feij, Haar e Wajsblyaw. Nessa mostra foi lançado o manifesto do grupo, no qual anunciavam que o naturalismo científico da renascença — o método para representar o mundo exterior (três dimensões) sobre um plano (duas dimensões) — espelhou a sua teoria histórica, e que a nova ordem eram as experiências baseadas nos novos princípios artísticos, as experiências que tendem à renovação dos valores essenciais da arte visual (espaço-tempo, movimento e material), a intuição artística distilada de princípios claros e inteligentes e de grandes possibilidades de desenvolvimento prático.

Nos anos seguintes participou ativamente do movimento artístico brasileiro com trabalhos concretos. Ainda em 52 conquistou o Prêmio Governador do Estado, do Salão Paulista de Arte Moderna, no setor de pintura. Dois anos depois recebeu o Prêmio Aquisição, na área de escultura, no mesmo Salão.

Em 56 o grupo, com a presença de novos e aquiescentes de alguns pioneiros, realizou, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, a Exposição Nacional de Arte Concreta. Uma nova exposição nacional foi realizada no ano seguinte, no MAM do Rio.

Em 59 a Galeria de Arte da Folha, na época muito ativa, realizou uma Mostra Concreta e, em 60, uma individual de Sacilotto. Ainda em 60 foi organizada mais uma Exposição de Arte Concreta, no Rio, e a Galeria Kunst, exposição Internacional de arte concreta, em Zurich, organizada por Max Bill, sempre com o participação de Sacilotto. Nesse ano voltou a conquistar mais um Prêmio Governador do Estado, no Salão Paulista de Arte Moderna, desta feita na seção de Escultura.

Concretismo

De acordo com Max Bill, arte concreta é aquela que é criada segundo uma técnica e luta que lhe são inteiramente próprias, sem se apoiar exteriormente na natureza sensível ou na transformação desta, isto é, sem intervenção de um processo de abstração. Por meio da pintura e da escultura concretas, tornam forma realidades que permitem a percepção visual. Os instantâneos desta realidade são as cores, o espaço, a luz e o movimento, e dando forma a estes elementos criam-se novas realidades.

Sacilotto está de acordo com Bill. Acha que o artista não precisa copiar a natureza, nem mesmo abstrair-la para criar uma obra de arte. Ele pode criar um trabalho paralelo à natureza, articulando formas, espaços, volumes, cores, luz, movimento. Ele deve criar novas realidades.

O concretismo conheceu algumas divergências, tanto entre os próprios elementos de São Paulo, como entre estes e os do Rio, onde o movimento acabou transformando-se no neoconcretismo.

Segundo Sacilotto, o neoconcretismo surgiu da impossibilidade de conciliar dois temperamentos muito fortes, o de Cordeiro, em São Paulo, com o de Guilar, no Rio. Tanto isso é verdade — afirma — que não existe neoconcretismo em nenhuma outra parte do mundo. Trata-se de um fenômeno brasileiro.

O movimento neoconcreto ganhou contornos mais definidos com as cores que requeriam a participação do espectador, como os brichos de Lygia Clark e os labirintos de Hélio Oiticica. Estas obras funcionavam como ponto de partida para a arte ambiental que surgiria mais adiante.

Em São Paulo o movimento concreto, em função de dificuldades de diversas ordens, quase chegou a se extinguir. Em 63 houve uma tentativa de reagrupar os concretistas com a criação da Associação de Artes Visuais Novas Tendências, que contava com outro artista do ABC: Alberio Aliberti. Os esforços resultaram infrutíferos e o grupo se dissolveu pouco depois.

Cada um seguiu seu próprio caminho. Cordeiro participou em seguida do movimento pop-art e, mais tarde, produziu uma série de obras com o auxílio do computador (arte-tecnia). Sacilotto, com a dissolução do grupo concreto, afastou-se do movimento dos salões e galerias, dedicando-se à pesquisa.

Reapareceu 3 anos depois, com uma retrospectiva de sua obra, no I Salão de Arte Contemporânea de Santo André. Depois participou de outras mostras documentais como o Desenho Jovem dos Anos 40 (76), na Pinacoteca do Estado, do Projeto Construtivista Brasileiro na Arte (77), também na Pinacoteca, da mostra O Grupo-Década de 40 (77), no Museu Lassar Segall, do Biênio e a Abstração (78), também no Museu Lassar Segall, além da exposição Inaugural da Kris Galeria, em Santo André.

Em 78 passou três meses na Europa, juntamente com seu companheiro de concretismo Hereminda Giannighi, onde, por intermédio de outro concretista atualmente residente em Paris, Kazmer Feij, entrou em contato com artistas, galerias e museus.

De volta da Europa, intensificou sua produção artística, retomando desenvolvendo concretismo. Participou da mostra O Desenho como Instrumento, na Pinacoteca do Estado, Desenho dos Anos 40, na Biblioteca Municipal de São Paulo, e da mostra Coleção Theus Spanulis, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Este ano integrou a mostra Fluta Meinas e uma Página, na sede da Cooperativa dos Artistas Plásticos de São Paulo, artistas do ABC em Takayama, no Japão.

No dia 11 inaugura a mais importante mostra de sua carreira — Expressões de Concretos — uma grande retrospectiva que ocupa já a metade do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

